



Imagem: Freepik

ligioso, permanece indiferente; Belém, o pequeno povoado, torna-se o lugar da revelação. Assim, Mateus nos ensina que Deus se manifesta não onde há poder, mas onde há abertura; não nas grandes estruturas, mas nos corações humildes. O Natal é, portanto, um convite a deslocar o olhar: do centro ao limite, da grandeza à simplicidade, da lógica do domínio à lógica do dom.

“Tendo Jesus nascido em Belém” – eis o coração do mistério. O Filho eterno de Deus entra na história humana, assume nossa fragilidade e habita nossas realidades feridas. Em tempos marcados pela violência, desigualdade e indiferença, o Natal recorda que a salvação começa na vulnerabilidade de um recém-nascido. O poder de Deus se manifesta na ternura, e a esperança renasce no pequeno e no pobre.

Celebrar o Natal é acolher essa presença silenciosa e transformadora. É deixar que Cristo nasça também em nossas “Beléns interiores”, nos lugares de nossa pobreza, solidão e limite. É permitir que a estrela da fé nos conduza à adoração verdadeira, que nasce do encontro pessoal com Jesus e se traduz em gestos de amor concreto.

O Evangelho termina com os magos “voltando por outro caminho” (Mt 2,12). Quem encontra o Menino não pode mais seguir o mesmo trajeto. O encontro com Cristo transforma, reorienta, renova. Assim também nós: depois de ajoelhar-nos diante do presépio somos enviados de volta ao mundo como portadores da luz que vimos brilhar. O Natal não termina no berço de Belém, ele se prolonga na vida de cada discípulo que, tocado pela ternura de Deus, torna-se estrela para outros peregrinos da fé. ●

Referências bibliográficas

- MESTERS, C. *Mateus: o Evangelho do caminho da justiça*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- NICOLETTA, C. *O Evangelho da infância em Mateus: teologia e narrativa*. São Paulo: Loyola, 2015.
- RATZINGER, J. *A infância de Jesus*. São Paulo: Planeta, 2012.